

A VIDA COMO PERPÉTUO RASCUNHO À ESPERA DE RELEITURA E REELABORAÇÃO: UMA VARIAÇÃO SOBRE A HERMENÊUTICA DO SI DE PAUL RICOEUR

LIFE AS A PERPETUAL DRAFT WAITING FOR RE-READING AND RE-WORKING: A VARIATION ON RICOEUR'S HERMENEUTICS OF THE SELF

Vitor Hugo dos Reis Costa¹

Resumo: Trata-se de oferecer uma nova metáfora axial para a hermenêutica do si de Paul Ricoeur. Se em *Vida: uma narrativa em busca de um narrador* o hermenêuta francês considerou que a vida já possuía em si mesma a estrutura de uma narrativa, Ben Roth, em *Reading from the middle: Heidegger and the narrative self* enfatiza que para que a vida possa ser narrada, ela já deve ser vivida como leitura. Desse modo, o primeiro momento do texto reconstruirá a ideia de Ricoeur de que a vida já é ela mesma uma narrativa. O segundo momento apresentará a contribuição de Roth em termos de pensar o sujeito que vive como sujeito que lê a vida ao viver. Na medida que tanto Roth quanto Ricoeur enfatizam o caráter aberto, provisório e revisável dos projetos humanos e das narrativas nas quais estes se compreendem, o terceiro momento terá a finalidade de averiguar se a noção de narrativa assim concebida está à altura do perpétuo desafio ético de constituir sentido em vidas vividas e narradas como histórias.

Palavras-chave: Hermenêutica. Narrativa. Rascunho. Vida.

Abstract: It is about offering a new axial metaphor for Paul Ricoeur's hermeneutic of the self. If in *Life: a narrative in search of a narrator*, the French hermeneut considered life itself had the structure of a narrative, in *Reading from the middle: Heidegger and the narrative self*, Ben Roth emphasizes that for the life can be narrated, it must already be lived as reading. In this way, the first moment of the text will reconstruct Ricoeur's idea that life itself is already a narrative. The second moment will present Roth's contribution in terms of thinking the subject who lives as a subject who reads life while living. As both Roth and Ricoeur emphasize the open, provisional and reviewable character of human projects and the narratives in which they are understood, the third moment will aim to ascertain whether the notion of narrative thus conceived is up to the perpetual ethical challenge of constitute meaning in lives lived and narrated as stories.

Keywords: Hermeneutics. Narrative. Draft. Life.

1. Considerações preliminares

Em *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, Ulrich, o protagonista na narrativa descobre através de uma tomada de consciência, ocorrida no fim da primeira parte do romance, que “a lei desta vida, pela qual ansiamos, sobrecarregados mas sonhando com a simplicidade, não é senão a vida da ordem narrativa!” (MUSIL, 1989,

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: costavhr@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0426-1983>

p. 462). Talvez nenhum filósofo tenha explorado mais as consequências dessa ideia do que o filósofo francês Paul Ricoeur.

Autor de uma vasta obra que se aproxima paulatinamente da hermenêutica até se constituir como um dos arquipélagos mais fecundos desta perspectiva filosófica, Ricoeur produziu, entre os anos 80 e 90 do século XX, uma das maiores explorações – e uma das maiores exortações – do papel das narrativas na tessitura do sentido propriamente humano da existência e da experiência histórica. Depois de explorar a função narrativa da linguagem na historiografia e na escrita de ficção no colossal *Tempo e narrativa*, Ricoeur desenvolve, em *O si-mesmo como outro*, uma investigação sobre o papel das histórias pessoais na constituição e composição das identidades dos indivíduos. Entre esses dois trabalhos de imenso fôlego, Ricoeur publica um texto cujo título exhibe de forma sintética e exemplar sua compreensão do papel existencial da narrativa: *Vida: uma narrativa em busca de narrador*. O texto opera como perfeita ponte entre a identidade narrativa enquanto aporia da relação da narrativa com o tempo em *Tempo e narrativa* e enquanto núcleo da reflexão ética de *O si-mesmo como outro*.

O objetivo deste artigo é oferecer uma sutil variação sobre a ideia de vida como “narrativa em busca de narrador”: não será o caso de que se a vida é uma narrativa, ela demande primeiro uma leitura? É com essa convicção que explorarei a hipótese desenvolvida em *Reading from the middle: Heidegger and the narrative self*, de Ben Roth, na qual o autor sugere que a metáfora narrativista mais axial não é a da narração nem tampouco a da autoria mas, especialmente, a da leitura. Concluirei explorando algumas consequências da concepção da existência humana como história que pode ser lida, relida, elaborada e reelaborada narrativamente.

2. A vida como narrativa em busca de narrador

Em *Tempo e narrativa*, Ricoeur explora uma via prática de solução para as aporias da reflexão sobre o tempo tal como tradicionalmente conduzida pela filosofia desde Agostinho até Heidegger. Após uma longa análise da filosofia que reflete sobre o tempo em contraponto com a análise da prática narrativa de historiadores e romancistas, Ricoeur conclui que a questão da identidade pessoal deve ser pensada com o apoio da narratologia. Sua teoria da identidade narrativa será o tema central de *O si-mesmo como outro*. Antes da publicação dessa obra, porém, é possível notar como o tratamento sistemático da questão seria pensado: em texto intitulado *Vida: uma história em busca*

de um narrador, Ricoeur vinculará a questão da elaboração narrativa de uma vida com a tradição socrática na qual “uma vida não *examinada* não é digna de ser vivida” (RICOEUR, 2010, p. 197) e com a *Poética* de Aristóteles enquanto expediente de reflexão sobre a elaboração narrativa “no sentido de história bem construída” (p. 198). Ricoeur está pensando em uma tradição cultural que é a nossa, na qual estamos – e devemos compreender que estamos – imersos de forma visceral em um horizonte de aprendizagem e edificação moral no qual o papel das narrativas é absolutamente central:

A ética, tal como Aristóteles a concebia e tal como se pode ainda concebê-la [...] fala abstratamente da relação entre as virtudes e a busca da felicidade. É a função da poesia, sob sua forma narrativa e dramática, propor à imaginação e à meditação situações hipotéticas que constituem outras tantas *experiências de pensamento* mediante as quais aprendemos a unir os aspectos éticos da conduta humana à felicidade e à infelicidade, à sorte e à falta de sorte. Aprendemos por meio da poesia como as mudanças de sorte resultam desta ou daquela conduta, tal como é construída pelo enredo na narrativa. É graças à familiaridade que contraímos com os modos de enredo recebidos de nossa cultura que aprendemos a ligar as virtudes, ou melhor, as excelências, à felicidade e à infelicidade. Essas “lições” da poesia constituem os universais de que falava Aristóteles; mas são universais de um grau inferior aos da lógica e do pensamento teórico. Devemos, entretanto, falar de inteligência, mas no sentido que Aristóteles conferia à *prhonesis* (que os latinos traduziram por *prudencia*). Nesse sentido, falarei de bom grado de inteligência fronética para opô-la à inteligência teórica. A narrativa pertence à primeira e não à segunda. (RICOEUR, 2010, p. 200)

Se as narrativas ocupam esse lugar eminente entre os estratos culturais que nos constituem, para Ricoeur, isto se deve ao fato de que nossa compreensão estruturalmente narrativa desde seus níveis mais básicos. Essa convicção se exhibe no uso analógico que Ricoeur faz do esquematismo kantiano ao sugerir que se as histórias são passíveis de narração é porque já foram *experimentadas narrativamente* quando vividas pelos sujeitos. Pensando a *Poética* de Aristóteles como uma espécie ancestral de *crítica da razão narrativa*, Ricoeur afirma que “do mesmo modo que em Kant o esquematismo designa o foco criador das categorias e as categorias como o princípio da ordem do entendimento, também o enredo constitui o foco criador da narrativa e a narratologia constitui a reconstrução racional das regras subjacentes à atividade poética” (p. 201).

Se Aristóteles só conhecia a tragédia, a epopeia e a comédia e, por exemplo, não dispôs da ocasião histórica de conhecer a arte do romance, sua *Poética* continua, para Ricoeur, sendo a base desde a qual a narratologia contemporânea surge como

complemento. E se a narratologia desenvolvida na contemporaneidade é vista como uma extensão da *Poética* e constitui o esquematismo desde o qual Ricoeur confere uma confiança à inteligência narrativa, essa inteligência não opera em um vazio mas, justamente, desde uma “*vida* da atividade narrativa que se inscreve no caráter de tradicionalidade característico do esquematismo narrativo” (p. 201) Interessa agora, sobremaneira, averiguar o que Ricoeur diz sobre o conceito de vida e as relações deste conceito com o de narração.

É no contexto do encontro da vida com a narração que Ricoeur inicia sua reflexão sobre o conceito de vida, pois “o leitor pertence ao mesmo tempo em imaginação ao horizonte de experiência da obra e ao de sua ação real” (p. 204). O encontro do existente humano com o texto, pois, é o encontro de horizontes distintos de interpretação da existência e remetem a mundos – e visões de mundo – sustentados no interior da vida e da obra. A comunicação entre esses horizontes é possível, para Ricoeur, porque tanto o sujeito em sua existência quanto a prática narrativa gozam de um código comum: enquanto a narrativa apresenta uma trama desde a qual personagens agem e padecem, o sujeito existe em sua própria vida imerso nessa rede de códigos desde a qual a ação pode ser realizada e compreendida. Esse nível estrutural desde o qual a narrativa pode ser compreendida, para Ricoeur, constitui “a rede daquilo que se poderia chamar de *semântica da ação*” (p. 206). Sobre esse conceito, diz Ricoeur:

Nossa familiaridade com a rede conceitual do agir humano é da mesma ordem da familiaridade que temos com os enredos das histórias que nos são conhecidas; é a mesma inteligência fonética que preside a compreensão da ação (e da paixão) e a da narrativa. [...] Se, efetivamente, a ação pode ser narrada, é que já está articulada nos signos, regras, normas; ela é simbolicamente mediatizada. Esse caráter da ação foi vivamente ressaltado pela antropologia cultural. (RICOEUR, 2010, p. 206)

Há, portanto, desde o âmbito mais originário da existência, para Ricoeur, uma dependência inescapável do sujeito para com uma rede simbólica e semântica sem a qual não seria possível compreender ações e, portanto, seria mesmo impossível *agir*. É no interesse de compor as camadas desses níveis de mediação necessários para que a mera existência possa incidir significativamente no mundo que Ricoeur se serve da ideia de uma semântica da ação e das descobertas da antropologia cultural que, para além da mera semântica, é capaz de realizar a detecção de elementos mais complexos, cultural e

historicamente enraizados nos espaços de experiências dos sujeitos, compondo as camadas de mediação.

A argumentação de Ricoeur parece ficar mais delicada quando ele afirma que desde esses níveis estabelecidos da mediação, semântica e simbólica, já seja então permitido e possível falar de uma “qualidade pré-narrativa da existência humana”, de que se pode falar de uma “vida como uma história em estado nascente” ou de uma “vida como uma atividade e uma paixão em busca de narrativa” desde onde “falamos de maneira familiar de histórias que nos acontecem, ou de histórias em que estamos presos, ou pura e simplesmente da história de uma vida” (p. 207) Ricoeur exhibe sua sensibilidade para a dramaticidade da existência prosaica contemporânea quando retoma exemplos de *Tempo e narrativa* desde os quais se pode afirmar que em alguns casos – casos da clínica psicanalítica ou casos jurídicos – existe uma concreta e inegável *demanda* por narração.

Este pequeno texto de Ricoeur, reitero, se inscreve cronologicamente no intervalo entre *Tempo e narrativa* e *O si-mesmo como outro*. Assim, não é surpreendente que seja sobre a noção de identidade narrativa que Ricoeur teça as palavras de conclusão desde as quais faz a defesa da importância da narração no horizonte de uma ideia de dignidade humana. E depois de nos lembrar que no caso da vida propriamente dita *somos apenas narradores e não autores* da própria história e que essa seria a diferença decisiva entre a vida e a ficção, Ricoeur minimiza essa diferença e, em seu característico tom de exortação e apelo, diz:

Essa diferença é parcialmente eliminada pelo poder que temos de aplicar a nós mesmos os enredos que recebemos de nossa cultura e de ensaiar assim os diferentes papéis assumidos pelos personagens favoritos das histórias que são as mais queridas. É assim por meio das variações imaginativas sobre o nosso próprio ego que tentamos extrair de nós mesmos uma compreensão narrativa, a única que escapa à alternativa aparente entre transformação pura e identidade absoluta. Entre as duas resta a *identidade narrativa*. (RICOEUR, 2010, p. 211)

Nem um fluxo puro, nem identidade fixa: a identidade humana tem o estilo de uma história e a própria vida exige estruturas fundamentais que, portanto, nos torna narradores em potencial – narradores que eventualmente ouvirão o apelo da narração de uma existência constituída de tal forma que se permite narrar, que se presta a narração. Essa parece ser a convicção de Ricoeur, sintetizada exemplarmente nesse texto tão curto quanto exemplar.

Contudo, somos realmente meros narradores de histórias que nos acontecem? Se a semântica da ação é essa praça na qual diversas disciplinas devem poder se encontrar e celebrar sua semelhança de pressupostos, não será possível enriquecer essa perspectiva narrativista com novas noções e metáforas? É com esse intento que passo para a próxima parte do argumento.

3. Para narrar, é preciso ler

Em artigo recente intitulado *Reading from the middle*, Ben Roth (2017) realiza uma curiosa e improvável aproximação entre a filosofia de Heidegger e a teoria literária de Wolfgang Iser. Desde a ideia de que estar lançado projetivamente em possibilidade existenciais é algo estruturalmente similar a posição do leitor diante de uma obra literária, Ben Roth oferece uma reflexão na qual se pode dizer que um indivíduo é, por razões estruturais do existir humano, instado a ler sua vida como história. Vejamos o argumento de Roth no detalhe.

Em *Tempo e narrativa*, Ricoeur já afirmara, fazendo menção ao pensamento de Iser, que “o leitor pertence ao mesmo tempo em imaginação ao horizonte de experiência da obra e ao de sua ação real” (RICOEUR, 2010a, p. 204). Embora seu texto seja confessadamente uma tentativa de ir além das posições de narrativistas como Ricoeur, Roth aponta na mesma direção da de Ricoeur ao partir da ideia de que “somos leitores de nossa própria existência” (p. 3). O recurso de Roth, como afirmei, é aos conceitos de Heidegger e Iser:

Entendemos quem somos, no presente, lançando arcos hipotéticos maiores de enredo da mesma maneira que os leitores, quando estão no meio de uma história, projetam o lugar para o qual essa história está indo, a fim de entender a identidade e a situação de seus personagens. As estruturas hermenêuticas são as mesmas e diferentes das mobilizadas em outras formas de interpretação. Eu vou desenvolver e defender essa visão apresentando um relato, motivado pelo desejo de adaptar a noção de Heidegger de “projeção lançada”, uma estrutura básica de nossa maneira de existir, a um modelo narrativista. Argumentarei então essa noção é a mesma que a noção teórico-literária de Wolfgang Iser de “ponto de vista errante”, a estrutura pela qual lemos literatura.² (ROTH, 2017, p. 2)

² [“We understand who we are now by casting larger hypothetical arcs of plot in the same way that readers, when in the middle of a story, project where that story is going in order to understand the identity and situation of its characters. The hermeneutic structures are the same, and different than those brought to bear in other forms of interpretation. I will develop and defend this view by presenting an account, motivated by the desire to adapt his thought to a narrativist model, of Heidegger's notion of “thrown

A prática da leitura goza, para Roth, de uma similaridade estrutural com o próprio existir na medida em que “não é uma questão de autoria” mas ao mesmo tempo envolve a dimensão da “projeção em possibilidades”. Segundo o autor, “o projetar parece ativo mas, no sentido mais importante, não é. Sempre projetamos uma compreensão das possibilidades como parte de nossa leitura da nossa existência”³ (p. 7). As brumas que se depositam diante do horizonte de possibilidades da existência são do mesmo tipo daquelas que nos mantém presos ao enredo das narrativas: Roth afirma que “assim como lemos as narrativas antes de saber como elas terminam, lemos a nós mesmos de maneira aberta, à luz de possibilidades que podem ou não unificar nossas vidas em conjuntos intencionais”⁴ (p. 7). Essa estruturação da expectativa na existência e na leitura pede por uma noção de narração suficientemente plástica e maleável para acomodar as vicissitudes da liberdade e do acaso. Para Roth, certas posições narrativistas terminam por estreitar as possibilidades do acaso e da liberdade na relação entre vida e narração. Um dos exemplares dessa estreiteza e dessa rigidez é a teoria da identidade narrativa de Alasdair MacIntyre:

Segundo a concepção ideal de MacIntyre, o arco de uma busca orientada para o bem captura uma vida inteira. Em contraste, minha imagem revisada representa os arcos narrativos concorrentes pelos quais um único momento é constituído. Nosso entendimento das possibilidades de nossa existência, através da projeção heideggeriana, envolve muitos futuros implícitos, e nenhum é certo. [...] Enquanto isso, quando olhamos para o passado, nem sempre vemos o mesmo arco fixo, apesar de já estarmos sempre lançados. Dependendo de onde estamos agora e do que estamos considerando, veremos diferentes partes de nosso passado (e, portanto, diferentes arcos) como relevantes. [...] Pela minha visão narrativista revisada, compreendemos a nós mesmo projetando provisoriamente as possibilidades de nossa existência. Tematizar adequadamente essa compreensão (compreender a compreensão de si) envolverá a reconstrução e explicitação de toda uma rede de narrativas, além de rastrear sua evolução conforme o comportamento e as expectativas de alguém mudam.⁵ (ROTH, 2017, p. 8)

projection”, a basic structure of our way of existing. I will then argue that it is the same as Wolfgang Iser's literary-theoretical notion of “the wandering viewpoint”, the structure by which we read literature.] (p. 2).

³ [Projection is not a matter of authoring or free choice. Even unchosen behavior demonstrates a projection of possibilities. Projecting sounds active, but in the most important sense, it is not. We have always already projected an understanding of possibilities as part of our reading of our existence.] (p. 5)

⁴ [just as we read narratives before knowing how they end, we read ourselves in an open-ended fashion, in light of possibilities that may or may not unify our lives into purposive wholes.] (p. 7)

⁵ [According to MacIntyre's ideal conception, the arc of a quest oriented toward the good captures an entire life. In contrast, my revised image represents the competing narrative arcs that even one moment is constituted by. Our understanding of the possibilities of our existence, through Heideggerian projection,

Deixarei para a próxima seção uma breve averiguação da posição de MacIntyre sobre a relação entre o viver e o narrar. Para o momento, basta enfatizar a pertinência da posição de Roth ao perceber que o agenciamento do passado e da memória na narração está absolutamente imbricado com o posicionamento do sujeito diante das possibilidades nas quais se lança ou deixa de se lançar. O sujeito da existência e da leitura da própria existência, portanto, é lançado em um enredo no qual há elementos previamente dispostos e em relação aos quais as expectativas serão constituídas por um sujeito que deve ser capaz de elaborar hipóteses e apostas sobre o desfecho dos arcos narrativos nos quais se lança. Roth vê nesse expediente das expectativas e esperanças o domínio privilegiado de uma investigação na qual se deseje compreender *quem* é determinado sujeito:

Para recuperar um senso de autocompreensão do passado de uma pessoa, seria necessário recuperar a estrutura de suposições, expectativas e possibilidades alternativas que então a guiavam – e elas existiam além de quaisquer preocupações, inseguranças, esperanças, sonhos e expectativas explícitas, de quaisquer medos que ele ou ela tenha experimentado. Eles estão presentes, se o tratamento da projeção por Heidegger estiver correto, em nossa própria postura existencial. O arco que qualquer uma de nossas vidas atualiza é cruzado a todo momento por possibilidades concorrentes, agora perdidas, que precisam ser entendidas para realmente rastrear onde uma pessoa esteve.⁶ (ROTH, 2017, p. 11)

Vê-se que a acomodação da permanente possibilidade do reposicionamento do sujeito na própria narrativa é elemento inegociável na perspectiva de Roth sobre a relação entre existência e narração. É necessário que o sujeito possa abandonar uma série de compromissos e expectativas para se lançar em outras histórias, caracterizadas pela projeção em outras possibilidades, e é necessário que esse reposicionamento possa

involves many implicit futures, and none are certain. [...] Meanwhile, when we look back on our pasts, we do not always see the same fixed arc, even though we are already thrown. Depending on where we are now, and what we are considering, we will see different parts of our pasts (and thus different arcs) as relevant. [...] By my revised narrativist view, we understand ourselves by provisionally projecting the possibilities of our existence. Properly thematizing such an understanding (understanding self-understanding) will involve reconstructing and making explicit a whole network of narratives, as well as tracking their evolution as one's comportment and expectations change.] (p. 8)

⁶ [To recover a sense of a person's past self-understanding, one would have to recover the structure of assumptions, expectations, and alternative possibilities that then guided him or her—and these existed aside from whatever explicit worries, insecurities, hopes, dreams, and fears he or she might have had. They are present, if Heidegger's treatment of projection is right, in our very existential posture. The arc that any of our lives happens to actualize is crisscrossed at every point by competing possibilities, now lost, that have to be understood in order to truly trace where a person has been.] (p. 11)

ser realizado uma vez mais e outras tantas vezes. Mesmo que ele não se dê eventualmente jamais no horizonte de uma existência singular, é preciso que ele seja possível.

A permanente possibilidade de reposicionamento da expectativa é a mesma na leitura e na existência porque, para Roth, tanto o sujeito da leitura quanto o da existência não estão posicionados diante do texto e da vida como observadores contemplativos. O caráter de inacabamento do texto e da vida para o sujeito impõem uma paisagem na qual este é permanentemente instigado a rever ou manter expectativas e hipóteses sobre o desenvolvimento e o desfecho das histórias (p. 11). Roth observa como o argumento de Iser é orientado por uma inspiração na fenomenologia da consciência íntima do tempo de Husserl no que diz respeito ao manejo da experiência e da expectativa. Roth, porém, prefere o vocabulário de Heidegger na medida em que este coloca em relevo a dimensão propriamente existencial de uma expectativa integralmente comprometida com a projeção em possibilidades existenciais (p. 11-12). O tom de Roth é absolutamente sentencioso quando este afirma que “percorremos nossas vidas da mesma maneira que percorremos narrativas, de acordo com as estruturas de projeção e projeção, hipotetizando padrões temporais maiores de eventos”⁷ (p. 12). A posição de Roth sobre a relação entre existência e narrativa é a de que a similaridade entre o “ponto de vista errante” tal como pensado por Iser e a estrutura existencial do “estar lançado em possibilidades” heideggeriano é literalmente a mesma. Os sujeitos *são* leitores de suas vidas e existir é estar permanentemente instado a ler e elaborar a narrativa de uma existência. O autor apresenta a extensão de sua convicção quando sugere que não apenas as abordagens narrativistas da identidade pessoal podem ser enriquecidas pelo pensamento de Heidegger como este também pode ser enriquecido com a contribuição narrativista:

Se Heidegger pode contribuir com algo para os narrativistas, o inverso também é verdadeiro. Apesar de ele nunca usar essa terminologia, meu argumento é que Heidegger concebe nossa compreensão cotidiana como narrativa em forma: somos nós mesmos no centro de um tecido composto de numerosos fios narrativos. Penso que essa noção nos ajuda a ver a estrutura assistencial como um todo e, assim, entender melhor Heidegger. Heidegger oferece implicitamente uma teoria do eu narrativo, relacionada a, mas melhor do que as

⁷ [we can see that Iser's wandering viewpoint applies to our grasp of our lives as well. We move through our lives in the same way that we move through narratives, according to the structures of thrownness and projection, hypothesizing larger temporal patterns of events.] (p. 12)

encontradas no trabalho de MacIntyre, Taylor, Schechtman e outros. A afirmação de que lemos nossas existências em andamento usando as mesmas estruturas hermenêuticas que fazemos para ler narrativas do meio é a peça mais importante de uma teoria narrativista revisada.⁸ (ROTH, 2017, p. 14)

Como afirmei no início do presente artigo, o intento desta modesta reflexão é oferecer uma variação sobre as ideias de Ricoeur. Assim, deixo para uma outra ocasião a averiguação da possibilidade de um enriquecimento narrativista da filosofia de Heidegger. Assumo em certa medida a posição de Roth sobre as similaridades entre as estruturas do ato de leitura e aquelas da própria condição humana: existir no tempo – ou, para dizer de modo mais preciso, existir como uma ipseidade que é ela própria temporalização – é estar condenado a responder ao desafio da mudança, da perseverança e da criação de sentido entre o que muda e o que permanece. Nesse horizonte, o que a narrativa identitária é capaz de assegurar ao sujeito? Exploro essa questão no tópico que segue.

4. De que valem narrativas que são perpétuos rascunhos?

Em seu célebre romance intitulado *A insustentável leveza do ser*, Milan Kundera se pergunta pelo valor de uma existência que é um perpétuo esboço inacabado. Se a vida é uma narrativa em busca de narração – e, sustento, à espera de leitura – cabe a pergunta sobre o valor e o estatuto das narrativas em uma existência que não pode saltar sobre a própria sombra e superar sua condição de perpétuo rascunho. Na medida em que a narrativa tem, segundo Roth, a prerrogativa de organizar expectativa, memória e experiência em arcos de sentido sempre revisáveis, as ideias do próprio Kundera sobre a continuidade e descontinuidade de uma vida parecem corroborar para a montagem do problema.

Em *Os caminhos na neblina*⁹, oitava parte de *Os testamentos traídos*, Kundera oferece uma reflexão intitulada *Durante quanto tempo pode o homem ser considerado*

⁸ [If Heidegger can contribute something to narrativists, the inverse is also true. Despite his never using such terminology, my contention is that Heidegger conceives of our everyday understanding as narrative in form: we are selves at the center of a fabric composed of numerous narrative threads. Such a notion, I think, helps us see the care-structure as a whole and thus understand Heidegger better. Heidegger implicitly offers a theory of the narrative self, related to but better than those found in work by MacIntyre, Taylor, Schechtman, and others. The claim that we read our ongoing existences using the same hermeneutic structures we do to read narrative from the middle is the most important piece of such a revised narrativist theory.] (p. 14)

⁹ [*Los Caminos en la niebla*]

como idêntico a si mesmo?¹⁰. Reconhecendo o mérito de Tolstói em colocar a questão em registro romanesco, o romancista tcheco afirma sobre o russo que este nos oferece uma concepção de que um indivíduo é “um itinerário; uma estrada sinuosa; uma viagem cujas etapas sucessivas não são apenas diferentes, mas muitas vezes representam a negação total das fases anteriores”¹¹ (KUNDERA, 2009, p. 229-230). Também afirma que se poderia dizer que as distintas fases de um itinerário “estão em uma relação irônica com as outras”¹² (p. 230), o que impediria que tais momentos distintos no tempo pudessem ser avaliados em termos de autenticidade ou de moralidade. Kundera reflete sobre o personagem de *Guerra e paz* que depois de seus fracassos, “descobre” que a felicidade está em sua família e Deus está em todo lugar. O que Kundera celebra no desfecho de Tolstói é o caráter *risível* revelado pela ironia que, graças justamente ao riso, tem um valor incomparável. A conclusão de Kundera guarda semelhanças com a posição de David Carr sobre a ironia, para quem “a visão retrospectiva do narrador, com a sua capacidade de ver o todo em toda a sua ironia, não está em uma oposição irreconciliável com o ponto de vista do agente, mas é uma extensão e um refinamento do ponto de vista inerente à própria narração” (CARR, 2016, p. 240).

Conforme visto anteriormente, Roth discorda da posição de MacIntyre sobre a “unidade narrativa da vida”. Mesmo que MacIntyre entenda que “não existe presente que não seja instruído pela imagem de algum futuro” e se aproxime muito de Roth ao afirmar que “assim como os personagens de uma narrativa fictícia, não sabemos o que acontecerá a seguir, porém nossa vida tem uma forma que se projeta na direção do nosso futuro” (p. 362), sua posição é uma defesa da grande unidade, seja da vida ou da narrativa. Relativamente a isso, Ricoeur também sustenta uma posição crítica com relação a MacIntyre.

Para Ricoeur, MacIntyre “tem principalmente em vista as histórias contadas ao vivo da ação cotidiana e não atribui importância decisiva, pelo menos para a investigação ética na qual está empenhado, à distância entre as ficções literárias e as histórias que ele diz em ato” (RICOEUR, 2014, p. 168). MacIntyre não se serve “do fato de que é na ficção literária que a união entre a ação e seu agente é mais bem apreendida e de que a literatura se revela como um amplo laboratório para experiências intelectuais” (p. 169) nem é capaz de reconhecer a dificuldade acerca de “como as

¹⁰ [Durante cuánto tiempo puede el hombre ser considerado como idêntico a sí mismo?].

¹¹ [“un itinerario; un camino sinuoso; un viaje cuyas etapas sucesivas no son sólo distintas, sino que representan con frecuencia la total negación de las fases anteriores”] (KUNDERA, 2009, p. 229-230)

¹² [“se encuentran en una relación irónica las unas con las otras”] (KUNDERA, 2009, p. 230).

experiências intelectuais provocadas pela ficção, com todas as implicações éticas [...], contribuem para o autoexame na vida real” (p. 169). Também passa despercebido para MacIntyre o fato de que “nada na vida real tem valor e começo narrativo” (p. 171) pois “sobre o percurso conhecido de minha vida, posso traçar vários itinerários, tramar vários enredos, em suma, contar várias histórias, uma vez que a cada uma falta o critério de conclusão” (p. 171). Se MacIntyre não percebe as pontes entre a ficção literária e a vida, é porque também não percebe os abismos. É assim que, segundo Ricoeur, MacIntyre não nota que “enquanto cada romance expõe um mundo textual que lhe é próprio, sem que na maioria das vezes seja possível relacionar os enredos [...] de várias obras [...] as histórias vividas por uns estão intrincadas nas histórias dos outros” (p. 171). A narrativa identitária, reitero, é como um rascunho permanente em sua matéria e em sua forma. Segundo Ricoeur, sobre a ideia de MacIntyre sobre uma unidade narrativa da vida:

Quanto à noção de unidade narrativa da vida, também é preciso ver nela um misto instável entre fabulação e vivência. É precisamente em razão do caráter evasivo da vida real que temos necessidade do socorro da ficção para organizá-la retrospectivamente após os acontecimentos, mesmo que seja preciso considerar revisável e provisória toda e qualquer figura de enredo extraída da ficção ou da história. Assim, é com a ajuda dos começos narrativos com os quais a leitura nos familiarizou que, forçando de algum modo a mão, estabilizamos os começos reais constituídos pelas iniciativas – no sentido forte do termo – que tomamos. E também temos a experiência, que se pode dizer inexata, do que quer dizer terminar um curso de ação, um segmento de vida. (RICOEUR, 2014, p. 173)

Observando que Ricoeur não subscreve a problemática ideia de MacIntyre de que a vida pode ter uma unidade narrativa, prossegue Rossatto observa que “somos ‘no máximo co-autores’ [...] pois, em relação ao nascimento e à morte, sempre dependemos do relato de terceiros” (ROSSATTO, 2010, p. 128). Esse sentido de co-autoria absorve a contribuição de Roth no que diz respeito ao fato de que os sujeitos devem, primeiro, poder ser leitores de uma vida estruturada como história. A leitura dessa narrativa cuja condição é de perpétuo esboço é a tarefa desse sujeito condenado a existir em um “ponto de vista errante” no qual a seleção dos episódios configura a narrativa. Passando a palavra mais uma vez para Ben Roth, lemos no final do seu artigo:

Quando tornamos nosso entendimento explícito na interpretação, fazê-lo na forma narrativa (se não necessariamente na forma narrativa tradicional) preserva melhor a estrutura de nossa compreensão pré-temática, porque ambas são guiadas pelo ponto de vista errante. [...]

Portanto, nossa autocompreensão é seletiva e filtrada, assim como uma narrativa, incluindo apenas alguns eventos, nem todos os detalhes possíveis.¹³ (ROTH, 2017, p. 14)

Se Roth e MacIntyre estão de acordo com o caráter narrativo da própria vida, a perspectiva de Roth joga MacIntyre para uma posição na qual a ideia de unidade narrativa da vida se assemelha àquilo que Jacques Lacan chamara de “mito individual do neurótico” (LACAN, 2008). Segundo Maria Rita Kehl, essa posição neurótica do sujeito que pretende compor um arquirromance da própria vida, explicando e compreendendo tudo em uma grande narrativa, motivou Lacan a sugerir a seus pacientes uma reconfiguração da narrativa no que concerne a própria forma de narrar, substituindo a forma grandiloquente do romance identitário pela forma do conto. Segundo a psicanalista:

“Todos acabam sempre se tornando um personagem do romance que é a sua própria vida. Para isto não é necessário fazer uma psicanálise. O que esta realiza é comparável à relação entre o conto e o romance. A contração do tempo, que o conto possibilita, produz efeitos de estilo. A psicanálise lhe possibilitará perceber efeitos de estilo que poderão ser úteis a você.” [...] A frase teria sido dita por Lacan ao jovem Eric Laurent, quando este se candidatou à análise, e indica que, ao fazer-se mais íntimo desse Outro que ele também é, o analisando terá um **ganho em leveza**, que corresponde ao que Freud chama de “economia do trabalho psíquico”. A finalidade de uma análise lacaniana não é a de que o sujeito saiba explicar melhor as razões de seu sofrimento e sim que, menos zeloso da integridade narcísica do “eu”, menos temeroso das manifestações do inconsciente, possa **levar menos a sério** suas pretensões e deixar de se torturar por seus tropeços. (KEHL, 2007, p. 374, grifos meus)

Se para Ricoeur a psicanálise é um artefato cultural que dá materialidade institucional para a demanda humana por construção narrativa de sentido, Kehl parece sugerir que, além disso, a psicanálise intenta a produção do efeito de um ganho em leveza. A ideia de que o percurso psicanalítico oportuniza um posicionamento no qual o sujeito possa tratar sua própria história com mais leveza e menos seriedade faz lembrar as críticas de Sartre ao “espírito de seriedade”, atmosfera na qual o mundo já aparece dotado de valores e normas imanentes e na qual fica eclipsado o caráter constitutivo do jogo no qual uma subjetividade se compõe. Diz Sartre, em *O ser e o nada*:

¹³ [When we make our understanding explicit in interpretation, doing so in narrative form (if not necessarily traditional narrative form) best preserves the structure of our pre-thematic understanding, because both are guided by the wandering viewpoint. [...] Our self-understanding is thus selective and filtered, just as a narrative is, including only some events, not every last possible detail.] (p. 14)

Que é o jogo, de fato, senão uma atividade cuja origem primordial é o homem, cujos princípios são estabelecidos pelo homem e que não pode ter consequências a não ser conforme tais princípios? A partir do momento em que o homem se capta como livre e quer usar sua liberdade, qualquer que possa ser, além disso, sua angústia, sua atividade é de jogo: ele mesmo constitui, com efeito, o primeiro princípio, escapa à natureza naturada (*naturée*), estabelece o valor e as regras de seus atos e só admite pagar de acordo com as regras que colocou e definiu. Daí, em certo sentido, a “pouca realidade” do mundo. (SARTRE, 2008, p. 710)

Se Kundera já observava o privilégio da ironia na apreensão da tensão entre continuidade e descontinuidade do si, para Sartre, “tal como a ironia kierkegaardiana, o jogo libera a subjetividade” (p. 710). O ganho em leveza de uma forma narrativa menos neurótica é, em certo sentido, um ganho de liberdade. Um elemento de jogo parece configurar, portanto, o horizonte de sucessos e fracassos – de vitórias e derrotas – de um personagem em uma narrativa. Do fato de que a configuração narrativa pode se organizar e reorganizar em distintas formas desde as quais a materialidade dos acontecimentos aparece segundo esta ou aquela luz, não deve, porém, ser compreendido como uma espécie de licenciosidade ética. Sobre isso, Ricoeur tem duas observações pertinentes, uma de caráter mais formal e outra de viés moral.

A primeira observação de Ricoeur é a de que frequentemente a posição narrativista é acusada de realizar uma mera exortação da produção de ficções úteis na medida em que organizar o diverso no tempo de uma história pode ser feito de várias maneiras. Em uma posição de inspiração transcendental, Ricoeur se defende de tais críticos alegando que incorrem em legítima confusão categorial: do fato de que uma narrativa possa ser configurada de vários modos não pode se seguir que ela seja automaticamente fictícia: narrar é sempre narrar *de algum modo*. Se a grande unidade narrativa parece demasiado neurótica, a confusão do momento configurativo da narração com a própria prática narrativa parece presumir a possibilidade de uma narrativa que se realizasse *de nenhum modo*. O caráter público e sempre inacabado da narrativa – que, enquanto artefato cultural depende tanto do texto quanto da recepção do leitor – não se presta a uma apreciação meramente veritativa, que não passe pela dimensão ética do ler e do narrar.

A segunda observação de Ricoeur é integralmente ética, atinente a questão do sofrimento humano. Se relaciona com a primeira na medida em que presume a abertura para a reelaboração narrativa. Porém, na reflexão sobre o sofrimento Ricoeur enfatiza a

eventual dificuldade dessa reelaboração. Ricoeur apresenta, em um de seus últimos textos e fazendo seu habitual recurso a psicanálise, uma das passagens mais emblemáticas sobre sua compreensão de como deve ser encaminhada a questão da relação do sujeito com seu próprio sofrimento:

No plano individual aprendemos com a psicanálise como é difícil fazer memória e enfrentar o nosso próprio passado. O sujeito está exposto a traumatismos e feridas afectivas; e, observa Freud num ensaio famoso intitulado *Rememoração, Repetição, Perlaboração* (*Errinern, Wiederholen, Durcharbeiten*), tem a propensão de ceder à compulsão da repetição que o psicanalista atribui às resistências do recalçamento. O resultado é que o sujeito repete os seus fantasmas em vez de os elaborar; e mais do que isso deixa que eles se transformem em acto, segundo gestos que o ameaçam a si e aos outros. (...) A questão torna-se mais perturbadora ainda quando acrescentamos à ideia de trabalho da memória, a de trabalho da dor. Um outro ensaio de Freud diz que esta consiste no tratamento emocional da perda do objecto de amor e, por isso, também no tratamento da perda do objecto de ódio. O sujeito é convidado a romper os laços resultantes dos seus investimentos libidinosos, um a um, sob o duro constrangimento do princípio de realidade, oposto ao princípio do prazer. É o preço a pagar por um desinvestimento libertador; de outro modo, o sujeito é conduzido pelo caminho que leva da dor à melancolia, à depressão, ou à perda do objecto junta-se a da estima de si, desse *Ichgefühle* de que fala Freud. A este respeito, devemos ser alertados por uma nota deste ensaio: falando dos sujeitos melancólicos, Freud diz que os seus “lamentos são acusações” [*Ihre Klagen sind Anklagen*]. Tudo se passa como se o ódio de si se transformasse em ódio de outrem na funesta química da melancolia. O resultado desta análise é que o trabalho da memória sobre si não se efectua sem um trabalho de dor, o qual não se resume à lamentação passiva, mas consiste num trabalho feito sobre a perda, que é levada até a reconciliação com o objecto perdido, no termo da sua completa interiorização. (RICOEUR, 2000, p. 3)

Não é exagerado dizer que Ricoeur vê na tarefa de elaboração do luto uma espécie de resumo da própria prática psicanalítica. Tudo se passa como se fosse necessário estabelecer novas regras, como em um jogo, para ler o presente e reler o próprio passado, oportunizando a despedida das expectativas mortas e dando espaço para a emergência de novas esperanças. Ricoeur nos convida para uma postura corajosa de “resistir ao encolhimento do espaço de experiência”, “lutar contra a tendência de só considerar o passado sob o ângulo do acabado, do imutável, do findo”, “reabrir o passado, reavivar nele potencialidades irrealizadas, impedidas”, a pensar “contra o adágio que diz que o futuro é aberto e contingente e o passado univocamente fechado e

necessário”, a “tornar nossas expectativas mais determinadas e nossa experiência mais indeterminada” (RICOEUR, 2010c, p. 368).

5. Considerações finais

Em uma passagem digressiva de *A vida está em outro lugar*, Milan Kundera oferece uma provocação perfeitamente compatível com o espírito da reflexão que tentei desenvolver no presente artigo. Diz o romancista:

Do mesmo modo que a sua vida, leitor, é determinada pela profissão ou o casamento que tenha escolhido, este romance é limitado pela perspectiva que nos é oferecida do nosso posto de observação, de onde só se pode ver Jaromil e sua mãe, enquanto os outros personagens só podem ser vistos se aparecem na presença dos dois protagonistas. Escolhemos o nosso observatório como o leitor escolheu o seu destino, e a nossa escolha é da mesma forma irremediável. Mas todos lamentam não poder viver outras vidas além da única existente; também você, leitor, gostaria de viver todas as suas virtualidades não realizadas, todas as suas vidas possíveis [...]. Nosso romance é como você, leitor. Também ele gostaria de ser outros romances, o que poderia ter sido e não foi. (KUNDERA, 1991, p. 322)

De fato, os romances que lemos nos contam sempre as mesmas histórias nas mesmas páginas, do início ao fim. Porém, a vida não é ela própria uma ocasião e um convite para o desafio de esboçar novas formas de narrá-la e compreendê-la?

A proposta de Roth sobre o estatuto do sujeito-leitor da própria existência parece operar como complemento enriquecedor da hermenêutica do si de Ricoeur. Se o filósofo francês nos convida a tratar a tradição romanesca como um expediente de *Bildung* na qual distintas formas da composição se oferecem como modelos narrativos para nossas próprias histórias, o acolhimento da ideia de que o *sujeito que se narra* tem de ser um *sujeito que se lê* em nada fere as premissas da hermenêutica do si. É perfeitamente admissível que, no domínio das identificações que orientam um sujeito no mundo do sentido, as narrativas sejam, conforme uma frase de Jacques Lacan, histórias “de uma vida vivida como história” (LACAN, 1998, p. 439). Evidentemente, esse trabalho de permanente elaboração de um esboço narrativo, perpetuamente inacabado como a própria vida, não é simplório. O próprio fato de que a memória pessoal possa ser concebida como uma “província da imaginação” (RICOEUR, 2007, p. 25) e que, com isso, as histórias pessoais possam se deteriorar em narrativas de consolação do si e

exortação do singular em detrimento das circunstâncias foi observado por Pierre Bourdieu. Para o sociólogo, as histórias de vida revelam esse potencial narcísico em suas formas gramaticais, fato observável enquanto “implícito nos ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’, etc. Das biografias comuns ou nos ‘sempre’ (‘sempre gostei de música’) das ‘histórias de vida’” (BOURDIEU, 2006, p. 184). A hermenêutica do si é justamente um território de enfrentamento desses reforços narcísicos, como observa François Dosse, ao afirmar que “a emergência de um si, que já não é um eu devido às alterações provenientes de sua relação com o outro e de sua travessia do tempo, oferece um meio de sair da “ilusão biográfica” denunciada pela sociologia bourdieusiana. (DOSSE, 2009, p. 408). Leitor e co-autor da própria história, o sujeito ricoeuriano é incontornavelmente circunstanciado na contingência da existência. O convite de Ricoeur, mediado pelos ideais da elaboração e do luto colhidos na psicanálise, é para uma existência corajosa na qual a narração é desafio ético, não “tentação identitária” (RICOEUR, 2007, p. 94) na qual “um pacto temível se estabelece entre rememoração, memorização e comemoração” (p. 98). Pensando na sugestão de Lacan mencionada por Kehl, parece possível afirmar que uma identidade narrativamente apresentada na forma não de um romance mas na do conto ou coleção de contos oportuniza uma configuração da temporalidade de um modo no qual a multiplicidade não subsiste subsumida em, para falar com Kundera uma última vez, “despotismo da *story*” (KUNDERA, 2006, p. 17). Se somos narradores de nossas próprias existências, é preciso que seja possível, como diz François Hartog inspirado por Ricoeur, “reabrir o passado, e olhá-lo como um conjunto de passados que foram uma vez futuro possível” (HARTOG, 2003, p. 33) com disposição para acertar as contas com as narrativas e os gêneros narrativos com os quais outrora nos identificamos. E se a existência concebida como um perpétuo esboço parece perpassada por uma leveza insustentável, essa leveza – que emerge quando o indivíduo se permite, para usar uma expressão de Gadamer, “deixar algo permanecer incerto” (GADAMER, 2012, p. 343), é precisamente essa incerteza, pensada por Kundera como a *sabedoria da incerteza*, própria ao romance e distinta do desejo por certezas próprio da tradição filosófica que, para Jean Greisch (2013), resume o espírito de perpétua abertura da hermenêutica filosófica de Ricoeur.

Para concluir esta reflexão no espírito próprio do pensamento de Ricoeur, mantenho essa proposta de uma nova metáfora axial aberta para futuros desenvolvimentos desde questões que não poderiam ser respondidas no estrito escopo dela. Uma primeira questão seria acerca do lugar das personalidades episódicas na

antropologia filosófica de Ricoeur. Essa hipótese aparece desde as críticas de autores antinarrativistas como Blattner (2000) e especialmente Strawson (2004), que sustentam que a vida não é literatura e que a identidade pessoal não precisa ser necessariamente compreendida narrativamente. A resposta para essa questão parece passar por uma outra, que nos leva para a questão acerca da atualidade ou inatualidade da proposta de hermenêutica da consciência histórica de Ricoeur, apresentada no final de *Tempo e narrativa* e que, preocupada principalmente com o aspecto paralisante das utopias em certo modo de experimentar a história, ainda não parece capaz de apreender o que François Hartog (2014) designou, em *Regimes de historicidade*, de presentismo. Pensando com as mesmas categorias formais de Reinhart Koselleck (2006) apresentadas em *Futuro passado*, Hartog propõe que o regime de organização do tempo histórico no século XXI é o de uma experiência encolhida e sem expectativas de longo prazo – perspectiva desde a qual parece possível compreender a demanda antinarrativista por reconhecimento da legitimidade de uma experiência destituída do estrato narrativo que entrelaça a hermenêutica do si com a hermenêutica da consciência histórica ao articular a experiência do presente com a expectativa do futuro. Na perspectiva de um regime de historicidade presentista, deixo aberta a hipótese de que as personalidades episódicas constituiriam o caso limítrofe de um tipo de existência que leva a leitura e a elaboração do rascunho da narrativa identitária ao paroxismo de um abandono que dispensa a releitura e a reelaboração. Uma última questão que deixo em aberto é sobre a pertinência ética de uma existência fragmentada, vivida e narrada como coleção de contos. Aqui, não posso oferecer senão uma metáfora. No espírito do recurso de Ricoeur a Freud na tarefa do luto e da elaboração contra a melancolia e a repetição, recorro a metáfora de Lauren Nunes (2015, p. 122) sobre a arte japonesa do Kintsugi, na qual a restauração dos objetos danificados é feita com uma mistura de cola e ouro, proporcionando a beleza da restauração. Sem pretender que essa metáfora seja compreendida como um elogio do sofrimento ou, pelo contrário, que seja uma imagem da consolação, é perfeitamente possível conceber a vida como a arte da permanente restauração de um livro, de um conjunto de livros ou mesmo de um conjunto de poucas páginas desde as quais alguém oferece uma narrativa sempre incompleta, sempre inacabada, em perpétua forma de esboço de história de uma vida vivida como história.

Referências

- BLATTNER, W. Life is not literature. In: BROUGH, J.; EMBREE, L. *The many faces of time*. Kluwer, 2000.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CARR, D. A narrativa e o mundo real: um argumento a favor da continuidade. In: MALERBA, J. (Org.). *História & narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GADAMER, H.-G. *Hermenêutica em retrospectiva*. Tradução de Marco Antônio Casanova. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GREISCH, J. Paul Ricoeur: la sagesse de incertitude. *Argument: Biannual Philosophical Journal*, v. 3, n. 2, p.475-490, 2013.
- HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- _____. *Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo*. *Revista de História*, v. 148, n. 1, p.9-34, 2003.
- KEHL, M. R. Ética e técnica. In: PINTO, M. C. (Org.). *Livro de ouro da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2006.
- KUNDERA, M. *A cortina: ensaio em sete partes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Los testamentos traicionados*. Buenos Aires: Tusquets Editores, 2009.
- _____. *A vida está em outro lugar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- LACAN, J. *Escritos I*. Rio de Janeiro: Jorge Zabar Ed., 1998.
- _____. *O mito individual do neurótico*, ou, A poesia e verdade na neurose. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MACINTYRE, A. *Depois da Virtude*. Bauru: EDUSC, 2001.
- MUSIL, R. *O homem sem qualidades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- NUNES, L. L. *Dilemas morais, erros inevitáveis e trauma*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- RICOEUR, P. Identidade Frágil: respeito pelo outro e identidade cultural. In: *Les droits de la personne en question – Europe – Europa 2000*, publicação FIACAT.
- _____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- _____. *O si mesmo como outro*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- _____. *Tempo e Narrativa*. (Tomo I). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. *Tempo e Narrativa*. (Tomo III). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. Vida: uma narrativa em busca de um narrador. In: *Escritos I: em torno da psicanálise*. São Paulo: Loyola, 2010.
- ROSSATTO, N. Vida e narrativa. In: GALLINNA, A. L.; SARTORI, C. A.; SCHNEIDER, P. R. *Conhecimento, discurso e ação*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
- ROTH, B. *Reading from the middle: Heidegger and the narrative self*. *Eur J Philos*, 2017.

SARTRE, J. P. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
STRAWSON, G. Against narrativity. *Ratio*, v. 17, p.428-52, 2004.

Recebido em: 11/09/2020

Aprovado em: 26/03/2021